



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

TEA e gênero

Thallita Emanuella de Jesus Freitas

¹ Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, thallitaejf@gmail.com

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.19	2025.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Resumo: O presente trabalho realiza uma análise semiótica da recepção do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres, a partir de textos científicos e discussões em mídias digitais. O estudo examina os signos e significados associados às experiências subjetivas, sociais e institucionais que atravessam esse processo, destacando como estereótipos de gênero, práticas clínicas insensíveis às especificidades femininas e a camuflagem social contribuem para o diagnóstico tardio. A reflexão proposta evidencia como tais fatores influenciam não apenas a identificação clínica, mas também a construção da identidade e a forma como essas mulheres ressignificam suas vivências a partir do diagnóstico.

Palavras-chave: TEA, Mulheres com TEA, Diagnóstico feminino, Recepção social do TEA.

1. Introdução: Como o TEA é visto socialmente em mulheres.

Este trabalho propõe uma análise semiótica da recepção do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres, um fenômeno marcado, em grande parte, pelo atraso no reconhecimento clínico e pela invisibilidade das manifestações femininas do espectro. A recorrência desse diagnóstico tardio tem fomentado intensos debates sobre os fatores que contribuem para a negligência e a deslegitimação das vivências de mulheres autistas. Compreender esse cenário sob a perspectiva semiótica permite examinar os signos e significados que estruturam os discursos médicos, sociais e culturais relacionados ao autismo feminino, evidenciando como estereótipos de gênero moldam a percepção, a interpretação e a resposta social diante dessas identidades neurodivergentes.

2. Metodologia

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.19	2025.1	e-ISSN: 2317-0220
Realização:	Apoio:				Produção:
					
					



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Esta análise semiótica fundamentou-se na interpretação dos signos presentes nos relatos de experiências subjetivas e sociais discutidos em estudos científicos, considerando especialmente as relações entre gênero, identidade e saúde mental. A leitura crítica do texto selecionado foi conduzida com atenção à identificação e decodificação de signos recorrentes como a camuflagem social (masking), os estereótipos de gênero incorporados nos critérios diagnósticos, o diagnóstico tardio e suas implicações para a construção da identidade. Essa abordagem permitiu compreender como esses elementos funcionam como sistemas de significação que estruturam a invisibilidade do fenótipo feminino do autismo, promovendo uma reflexão sobre as camadas simbólicas que permeiam os desafios vividos por essas mulheres.

2. Análise

A partir do artigo "The Experiences of Late-diagnosed Women with Autism Spectrum Conditions" de Sarah Bargiela, Robyn Steward e William Mandy, pode-se realizar uma leitura semiótica que revela como os signos relacionados ao fenótipo feminino do autismo são construídos, interpretados e difundidos tanto na literatura acadêmica quanto nas mídias sociais contemporâneas.

No contexto do estudo, a figura da mulher autista é representada como um signo invisível dentro de uma estrutura diagnóstica tradicionalmente masculina. Esse signo se materializa por meio de comportamentos mascarados (masking/camouflaging) que, por sua vez, tornam o traço autista indetectável para os observadores externos (familiares, professores, profissionais de saúde). Assim, o masking se torna um signo social de adaptação forçada, simbolizando o esforço de pertencimento à norma neurotípica.

Nas postagens da usuária *@agliolemon* no X e nas interações subsequentes



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

(Imagens 1, 2 e 3), observa-se que os relatos pessoais e coletivos funcionam como textos semióticos que reforçam, contestam e expandem o signo da mulher autista invisibilizada. Nesse espaço digital, surgem novos signos, como hashtags, memes e testemunhos, que produzem significados alternativos e mobilizam debates sobre gênero, raça e neurodiversidade.



Imagem 1



Imagem 2



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL2025.1- Liberdade e Cidadania

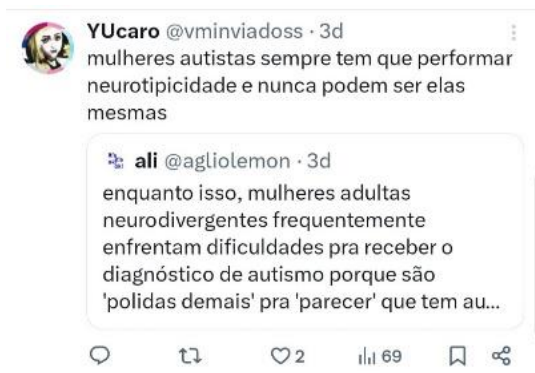


Imagem 3

Do ponto de vista semiótico, o artigo acadêmico e as interações nas redes sociais evidenciam que o diagnóstico de TEA em mulheres é um signo dinâmico não é fixo, mas negocia sentidos entre o discurso científico e o discurso vivido. Assim, o fenômeno do diagnóstico tardio não é apenas uma categoria médica: é um símbolo de luta por reconhecimento, um marcador de identidade e um convite à revisão crítica de práticas profissionais.

Portanto, analisar a experiência de mulheres tardiamente diagnosticadas com TEA sob a ótica semiótica permite compreender como signos de normalidade, feminilidade e neurodivergência interagem, muitas vezes conflitando entre si. Essa leitura ressalta a urgência de políticas diagnósticas e formativas sensíveis ao gênero e ao contexto sociocultural em que tais signos circulam.

5. Conclusão

A análise semiótica realizada evidencia que a recepção do diagnóstico de TEA em mulheres é permeada por signos sociais que reforçam estereótipos de gênero e invisibilizam manifestações femininas do espectro. A prática de camuflagem social emerge como um signo de adaptação, que simultaneamente oculta e revela a luta

<i>Grupo de Pesquisa Texto Livre</i>	Belo Horizonte	v.1	n.19	2025.1	e-ISSN: 2317-0220
Realização:	Apoio:				Produção:
					



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

dessas mulheres por aceitação em contextos neurotípicos. Assim, o atraso e os equívocos diagnósticos não são apenas questões clínicas, mas produzem e reproduzem significados que atravessam a identidade, a representação social e o acesso a direitos. Desse modo, repensar os critérios diagnósticos e as práticas profissionais sob uma perspectiva semiótica é essencial para desnaturalizar os sentidos limitados atribuídos ao autismo feminino e ampliar o reconhecimento de sua complexidade cultural e social.

Referências

BARGIELA, S.; STEWARD, R.; MANDY, W. The experiences of late-diagnosed women with autism spectrum conditions: an investigation of the female autism phenotype. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 46, n. 10, p. 3281–3294, 2016

agliolemon, enquanto isso, mulheres adultas neurodivergentes frequentemente enfrentam dificuldades pra. 2025. Disponível em <
https://x.com/agliolemon/status/1930564002406339073?t=1vtDGfGROwoZzE271qk_Lw&s=19 >



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.